

O SAGRADO E O PROFANO EM *RIO ABAIXO DOS VAQUEIROS*

Gracilene Martins Batista de Assis¹

Resumo: A proposta deste ensaio é mostrar as possibilidades de pesquisas no romance *Rio abaixo dos vaqueiros* de Ricardo Guilherme Dicke, no qual buscamos estudar o sagrado e o profano fazendo um paralelo entre o texto literário e o bíblico, tendo como base a teoria literária, a filosófica e a teológica.

Palavras-Chave: literatura, sagrado, profano, *Rio abaixo dos vaqueiros*.

Abstract: The purpose of this essay is to show the possibilities of researches in the novel *Rio abaixo dos vaqueiros*, written by Ricardo Guilherme Dicke, in which we try to study the sacred and the profane by doing a parallel between the literary text and the biblical, based on the theological, philosophical and literary theory.

Keywords: Literature, sacred, profane, *Rio abaixo dos vaqueiros*.

Neste ensaio, propusemos uma pesquisa sobre o sagrado e o profano no romance *Rio abaixo dos vaqueiros*, (2000) de Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) e, por meio de reflexões sobre os atos das personagens considerados profanos, buscou-se compreender quais as implicações destes junto à linguagem bíblica.

O romance narra a história das personagens Velho, Homem, Saul, Gedeão, Betsabah, Absalão e Cecília na perspectiva das narradoras Aglae e Beatriz. Chama atenção o fato de cada uma das personagens ter o foco narrativo em capítulos distintos, bem como o que a aflige, a ação, a reflexão, o sonho, o arrependimento e a culpa que sente por ter cometido certo ato.

O ponto de maior tensão neste romance é o relacionamento sexual entre os irmãos: Gedeão, Saul e Betsabah, bem como dela, com o Velho. Da relação carnal entre os irmãos e até mesmo com o pai (o Homem), Betsabah engravida e dá a luz a quatro meninas: Cecília, a qual o avô deseja despojá-la como esposa; Aléssia, cujo Homem (avô) estupra; Aglae e Beatriz que foram criadas em um colégio de freira em Cuiabá.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), linha de pesquisa História, Memória e Cultura, pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus universitário de Tangará da Serra. Orientadora Prof.^a Dr.^a. Madalena Machado.



O Homem deseja carnalmente sua filha Lou-Salomé que mantém relações sexuais com seu meio irmão, por parte de pai, Absalão. Em meio a essa história complexa e intrigante das personagens, surge o conflito e a reflexão entre o sagrado e o profano, especificamente quando os irmãos questionam o pecado, a culpa e a responsabilidade de Deus em permitir que todos esses atos (relação carnal entre os irmãos) aconteçam. Já o Velho ambiciona ficar mais rico e poderoso do que o Homem, por este motivo envolve-se em um ritual místico, no qual entrega a sua alma ao demônio para conseguir o que almeja e depois ao longo da narrativa, questiona o valor da alma e a imortalidade do ser humano.

Assim, o narrador por trás de Aglae e Beatriz conduz uma história complexa, pois trata dos mais diversos temas como: o existencialismo, a religião, a lenda, a exploração humana, a criminalidade, a violência, a impunidade e a reflexão sobre: vida/morte, Deus/Diabo, verdade/crendice entre outros assuntos que são muito questionados pelas personagens, nesta narrativa de Ricardo Guilherme Dicke.

Neste artigo, selecionamos em *Rio abaixo dos vaqueiros* questionamentos relativos a textos bíblicos. Isto pelo fato de que algumas passagens são apresentadas conforme o que está escrito na Bíblia, em outras há uma reescritura, principalmente quanto ao teor subversivo. Nesta leitura crítica, nossa atenção se voltará para a discussão do que é sagrado e/ou profano no nível narrativo.

Sendo assim, discutiremos o que é sagrado e profano, com base na teoria de Mircea Eliade (1992). Nesta perspectiva, o sagrado vem a ser a procura do homem pela realidade absoluta que transcende este mundo, se manifesta nele, santificando-o e tornando-o real. Ele acredita que a vida possui uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religioso, isto é, crê em um Deus Já o homem profano só reconhece responsabilidade para consigo mesmo e com a sociedade. Para ele o universo não constitui um Cosmos, ou seja, uma unidade viva e articulada; é simplesmente a soma das reservas materiais e de energias físicas do planeta.

Também estudaremos a *Bíblia*, livro considerado sagrado para quem acredita no Cristianismo, pois nele encontra o caminho para a sua divindade, o modelo de perfeição, o modelo de comportamento que deve seguir para alcançar o reino do céu, desde que cumpra os mandamentos nele manifestos: não mentir, não roubar, não desejar as coisas alheias nem a/o companheira/o da/o próxima/o, não matar, não ser corrupto, não ser invejoso e nem ambicioso. Ponderamos que na *Bíblia*, ocorre o profano em algumas de suas personagens, uma vez que, elas contrariam os preceitos que



foram mencionados e pecam, mas como se arrependem de tê-los cometido, recebem o perdão, como Moisés e o rei Davi entre outros.

Já a filosofia fará a interação entre a literatura e a teologia, pois esta mostra que o homem é um ser inquieto que busca o conhecimento de si e qual o sentido deste no universo. Estudaremos o romance de Ricardo Dicke junto à teoria que nos possibilitará perceber condição humana, do ponto de vista de alguns críticos e filósofos modernos, contemporâneos. Entender como o pensamento filosófico flui nesta sociedade e como o ser humano comporta-se diante das mudanças encontradas em *Rio abaixo dos vaqueiros* é o objetivo desta pesquisa.

Assim, faremos um paralelo entre religião e filosofia, ao analisar o olhar interno no qual o personagem na narrativa sai de si enquanto traz o mundo para dentro de si. Pois, olhar é enxergar além do que é visto, o que significa a visão para o Cristianismo, os anseios e as dúvidas de um tempo tão instável na vida do indivíduo? Este é o foco que abordaremos da filosofia e da religião em relação ao sagrado/profano e os rumos que estas tomaram neste século configurado pelo trabalho estético do escritor mato-grossense.

O que aguça a nossa curiosidade num primeiro momento em relação ao romance são os nomes bíblicos relacionados às personagens que não possuem ações consideradas puras como: as relações incestuosas entre os irmãos, bem como a relação sexual entre o avô e a neta. Os parágrafos longos, os questionamentos feitos na narrativa e a procura do sagrado pelas personagens, bem como a sua autocondenação ao mundo das trevas. Isto nos permite questionar: Por que o ser humano anseia pelo sagrado mesmo sabendo que é profano? O que causa o pavor no homem diante do fato: vida/morte, Deus/Diabo? O homem dentro da obra ao considerar-se sagrado comete atitude profana? Por quê? Qual o motivo de tanta contradição ou medo?

Além dessas inquietações, pesquisar outras suscitadas em relação à própria obra, portanto o que representa a escolha de nomes bíblicos nas personagens de *Rio abaixo dos vaqueiros*? Qual o papel das personagens que possuem esses nomes na Bíblia? Quais os sentidos que podemos extrair da escolha desses nomes? Por que as personagens dickeanas chocam o leitor com suas atitudes? Por que existem alguns termos no meio das frases com a letra inicial em maiúscula como: Árvore, Bem, Mal, Paraíso, Coisa-Ruim, Céu, Terra, Anjo, Espada, Tempo, Meio-Dia, Morte, Diabo, entre outros termos na obra?



Como mencionado, no romance *Rio abaixo dos vaqueiros* temos as narradoras Aglae e Beatriz assim como o narrador que arquiteta tudo pelas mãos do autor, contudo, na narrativa não existe um narrador que vivencia a história, ele apenas transmite aquilo que viu ou foi relatado, isto é, o narrador “(...) extrai a si mesmo da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, (...) [ou seja] ele não narra enquanto atuante” (SANTIAGO, 2002, p. 45). Assim, o leitor terá o seu ponto de vista preservado em relação a determinada personagem que está em foco num dado momento sem sofrer nenhum tipo de influência do narrador.

Tal narrador aparece primeiramente focando as personagens Aglae e Beatriz que através de um *flashback* recordam de seu pai adotivo, o Velho, bem como das histórias da família delas narradas por ele. A cada capítulo uma perspectiva diferente e às vezes ao final deste aparece novamente as personagens Aglae e Beatriz dando a opinião sobre o episódio contado. Este foco diferente estimula o leitor a querer saber mais da vida das personagens e o que ocorreu para vivenciarem determinada situação. Desta forma,

[...] o romance passa a enfocar sucessivamente cada personagem, dedicando-lhes alternadamente os capítulos em que são transmitidos seus pensamentos e sentimentos. Sonhos, frustrações, medos e lembranças aparecem de forma um tanto fragmentária, através do [discurso] indireto livre (LEITE, 1997, p.48).

Em virtude disso, no romance *Rio abaixo dos vaqueiros* são suscitados muitas ideias e questionamentos desde a própria história narrada, a existência de Deus, do homem, o amor, o ódio, a vida, a morte entre outras. No segundo momento da narrativa, observamos a mudança no comportamento das personagens que aparecem analisando os atos que cometeram na juventude e, tudo que acontece na vida delas até aquele instante. Conforme veremos:

Creio que a eternidade não tem águas, não tem nada, tem apenas tempo, e dentro do tempo as coisas, mas no fundo é um rio vazio que passa suas margens de bruma e silêncio, atravessando as cerrações das vidas, milhares de dias e noites que passam que vão passando eternamente, sem começo e sem fim, rumo ao nada, para sempre, como uma espécie de castigo, eternidade tanto para os que já morreram como para os que estão vivos... Porque será que existem o dia e a noite da eternidade? Dias e noites profundos como buracos ocos, vazios, porejando do infinito, aglomerados transcorrendo sem fim, sem aparente finalidade [...] (DICKE, 2000, p. 54).



Percebemos a reflexão da personagem Cecília em relação à eternidade, suas dúvidas sobre a existência e tais pensamentos fazem com que o leitor reflita também sobre o assunto. É possível existir uma forma de vida humana eterna? A alma existe e é eterna? Será que a imortalidade existe somente na ficção e na teoria filosófica?

Verificamos no fragmento, a pré-destinação do homem que nasce para morrer, no qual “[...] os dias e as noites passam sucessivamente [...] como buracos ocos, vazios, [...] sem aparente finalidade [...]”; isto significa que o seu fim no planeta Terra está próximo. Por ter medo do desconhecido este fica angustiado com a certeza que a qualquer momento deixará de existir.

Em consonância a Heidegger apud (PADOVANI e CASTAGNOLA, 1978), o existencialismo identifica o estar-no-mundo com o estar-no-tempo, o que significa ser- para-a-morte. Adquirir consciência de tudo isso significa existir, quer dizer, passar da vida banal à vida autêntica, filosófica; existir é, pois, ato de nulificação do ser, donde a doutrina da angústia, que leva o homem vulgar à preocupação e ao medo da morte, e ao filósofo a humilde aceitação do seu destino.

A vida consiste em três etapas fundamentais: nascimento, desenvolvimento (reprodução da espécie) e morte. Durante o desenvolvimento do homem ele questiona a própria existência e, conseqüentemente, a morte e nesse sentido, a análise é feita desde o princípio da história humana e continua martirizando o indivíduo. Hoje, em pleno século XXI, ainda encontramos muitas pessoas que se preocupam com isto e, assim, submetem-se a uma religião, em busca de uma vida casta, pura, sem pecado, pois desta forma espera alcançar uma recompensa pós-morte. Tal atitude é trabalhada esteticamente por Dicke conforme observamos em vários momentos do romance *Rio abaixo dos vaqueiros*. Sabemos que

[...] a religião não pode deixar de ter relação com a filosofia por vários motivos. Em primeiro lugar, porque algumas verdades (por exemplo: a existência de Deus, a origem do mundo e do homem) são objeto da religião e da filosofia; em segundo lugar, porque a religião pressupõe um conjunto de verdades filosóficas, que constituem como que a base racional da religião, e tornam possível ao homem aceitar a religião, dando-lhe uma justificação racional. Surge, assim, a possibilidade de uma influência recíproca da religião sobre a filosofia e da filosofia sobre a religião (PADOVANI e CASTAGNOLA, 1978, p. 515-516).

A vida tranquila de outrora torna-se agitada, angustiante e, com esta agitação,



o homem precisa de algo que traga a paz, como acompanhamos este fato em algumas das personagens do romance em questão: em Gedeão e Saul é possível encontrar esta serenidade, essas personagens na narrativa ao ler a Bíblia demonstram refletir algo diferente do seu dia a dia e sentiam um conforto espiritual.

Em se tratando de uma obra dickeana nada é gratuito. Então, podemos entender a busca por algo além do palpável, enquanto transcendência, na perquirição a respeito da vida da alma após a morte, o que pode significar que a vida humana não termina nesta dimensão. São temas questionados pelas personagens de *Rio abaixo dos vaqueiros*. De acordo com Marilena Chaui:

Nas religiões da salvação, como é o caso do judaísmo, cristianismo e islamismo [...] a divindade promete perdoar a falta originária, enviando um salvador, que, sacrificando-se pelos humanos, garante-lhes a imortalidade e a reconciliação com Deus. (CHAUÍ, 2002, p. 302)

Podemos dizer que com o advento da modernidade o homem passou a viver em conflito, pois no lugar da segurança de antes, nasce a insegurança, o medo, a incerteza a dúvida. Na nossa leitura de *Rio Abaixo dos vaqueiros* podemos distinguir a repercussão deste momento: “[...] com esse negócio de modernismo é mais gente que nasce e mais gente que morre, todos ficam doidos, vertiginosamente, é um movimento fora do natural, é uma loucura sem fim, afinal tudo aqui mudou, aqui ficou deveras moderno, [...]” (DICKE, 2000, p. 23), situação incômoda vista pelo narrador. Esclarecemos que modernidade, moderno neste contexto são sinônimos de novidades.

Notamos na citação que o ser humano diante do moderno fica “[...] doido, vertiginosamente, é um movimento fora do natural, é uma loucura sem fim [...]”, ou seja, o homem perante as transformações que está acontecendo no mundo e principalmente a sua volta, entrou em crise. Pois este para tentar sobressair no “mundo novo” teve que abandonar velhos hábitos e criar novos, quebrar paradigmas e estabelecer novas formas de vida e valores, de ser diferente, de inventar diferença e conviver pacificamente com o diferente. “Do ser do contra passamos a amar o contrário e, hoje, somos ‘neutro diante das diferenças’”. (BATH, 2007, p. 90). Tudo isso fez com que o homem passasse a viver num estado constante de embriaguez.

Na contemporaneidade, é mais evidente a busca do homem em meio ao vazio ou o “nada”, que a sua essência ou consciência insiste em invocar, uma vez que ele não consegue compreender nem os valores sociais quanto mais os individuais. Assim como



tem dificuldade em entender a cultura pós-moderna, as pessoas, e toda a transformação que ocorre no mundo. Entretanto, o homem pós-moderno anseia por uma explicação que o tire dessa agonia e o conforte. Segundo Perrone-Moises “[...] os modos de reagir à insatisfação que o mundo nos causa: [é] pela religião, aceitando os desígnios da providência e remetendo o mundo sem falhas para o além-morte [...]” (PERRONE-MOISES, 1990, p.103). A autora ainda acrescenta que desde o nascimento, o ser humano sente falta de algo que teve e não tem mais, como o conforto do útero materno. Em razão disso, pela vida afora sempre sentirá falta e assim coloca-se em busca de algo que o complete e preencha a insatisfação causada outrora. Quando este vazio é finalmente preenchido eis que surge uma nova falta, tendo em vista que a vida é um ciclo que sempre gira em torno do desejo do homem, ou melhor, da falta que este sente e a necessidade de supri-la.

Outra questão relevante em *Rio abaixo dos vaqueiros* é a ênfase dada ao pecado, à morte e a culpa que martiriza o homem durante a sua existência, como veremos na reflexão a seguir:

Porque comemos da Árvore do Bem e do Mal do Paraíso [...] ela era a fruta proibida e Deus nos mataria, consumiria nossos corações com o sumo ardente da morte... Trabalho e morte para os que infringiam as leis inscritas no portal do Paraíso... E anjos com espadas de fogo guardavam-lhe agora as portas fechadas... Mais Deus também era pecador, porque ele criava esses pecados e se comprazia neles figurado em nós, pobres mortais [...] (DICKE, 2000, p. 76).

Compreendemos no fragmento acima, que o narrador questiona até que ponto Deus é realmente bom, já que Ele permite a existência do pecado, pois sendo Ele uma divindade poderia acabar com o pecado e assim o homem não sofreria. No entanto, a personagem deixa claro que Deus gosta de ver o homem usar do livre arbítrio na vida, mesmo que isto possa contrariar seus preceitos. Ainda em relação ao fragmento, entendemos que ao comer da árvore do conhecimento do bem e do mal houve um divisor de águas, isto é, a ruptura da comunhão entre o ser humano e Deus. Com esta ruptura o homem passou a reconhecer-se como separado e independente de Deus, adquirindo consciência de sua morte e finitude, adota valores, crenças e objetivos independentes de Deus. Mas com essa independência de Deus, surge no homem o sentimento de culpa diante da tensão daquilo que ele projeta e o que se é de modo concreto na realidade.

Na perspectiva de MAZZOCHILIN e HACKMANN (2009) é justamente a capacidade de acolher esse desafio da culpa que consiste a maturidade moral do ser humano. Percebe-se culpado em determinadas ocasiões, em nível consciente, é sinal de



maturidade, pois a culpa possibilita o reconhecimento de si. Frequentemente, o pecado foi sendo confundido com a culpa. Tal fenômeno criou uma visão exagerada e deturpada do pecado que acarretou, por sua vez, sua crise de sentido e perda de sua própria percepção. Esta crise impulsiona, hoje, a refletir e redescobrir o verdadeiro sentido de pecado. E, para isto, será necessário explicitar e distinguir, primeiramente, a experiência da culpa e posteriormente a consciência do pecado. Os autores MAZZOCHILIN e HACKMANN (2009) afirmam que o sentimento de culpa nasce perante as próprias limitações, porque manifesta a impotência de concretizar os projetos, e a experiência da alteridade, porque o outro resiste aos meus desejos, bem como os escrúpulos, que provêm de mecanismos de rejeição real da culpa; o remorso, isto é, a conduta de autopunição, que leva a reparar indefinidamente o passado vivido como uma condenação e o comportamento de autojustificação.

Já o pecado possui uma dimensão religiosa, uma vez que, o seu reconhecimento é diante de Deus e do outro, atinge também a personalidade coletiva da humanidade, está presente antes da ação, visto que o mal vem antes do sujeito pecar. O pecado cria obstáculos ao processo de uma autêntica humanização. É uma recusa a construir-se, é diminuição da liberdade da pessoa, ou seja, de uma liberdade humana. Observamos este sentimento de culpa e a noção de pecado em algumas das personagens de *Rio Abaixo dos vaqueiros*, que possuíam algum conhecimento bíblico. Como Gedeão e Saul que tiveram duas filhas, cada um, com a irmã deles Betsabah, bem como a culpa que todos esses personagens sentem por ter cometido o pecado da carne.

Um dos meios de Deus demonstrar o seu poder sobre a humanidade foi com a expulsão de Adão e Eva do paraíso, assim eles conhecem o sofrimento e passam a tomar as decisões em suas vidas; deixam de ser o sujeito passivo, para aquele que pratica a ação, o sujeito ativo de sua própria história. O homem por meio da razão passou a olhar os problemas de diversos ângulos, conforme encontramos em Ricardo Guilherme Dicks. Tal tendência, na explicação de Madalena Machado é vista da seguinte maneira:

Não se pode colocar a idéia de bem ou mal em se tratando da essência humana, pois ela aparece pelo esforço de preservação e expansão do ser que está em união entre alma e corpo. É a particularidade, é ser uno em contraposição com as idéias generalizantes, o objeto do conhecimento reflexivo. (2008, p. 271).

Portanto, o homem adquiriu o conhecimento reflexivo do mundo à sua volta, exterior a si e com tal ciência, ele tanto pode ser modificado pelo mundo, quanto modificá-lo também. Em relação a isso, o homem alcançou também o conhecimento racional sobre a sua essência, assim como o do corpo, o da própria ação e dos demais



seres que estão presentes em sua realidade, além da consequência da existência dele no mundo.

Neste sentido, encontramos o pensamento da personagem o Velho sobre a alma, “Minha alma vale muito, vale tudo, até o Céu e a Terra, até a graça de Deus, minha alma vale o Universo inteiro” (DICKE, 2000, p. 194). A personagem valoriza a sua alma, pois acredita que através dela chegará a ser imortal, sendo assim, a vê como algo precioso, logo segundo ele, somente a alma empreende uma viagem prolongada para além da condição humana. Pois crê que o seu espírito, desfrutará das delícias de uma vida perenemente perfeita e bela por toda a eternidade. O que nos leva à compreensão segundo a qual a:

[...] ação humana, na vida sentimental e intelectual, na sua reivindicação em exercer o domínio espiritual, a literatura do século XXI põe em relevo as condições de sensibilidade aduzida naqueles ideais. É um modo de enxergar o homem, as coisas, a natureza, possibilitando-os a falar por si, deixar fluir a emoção da própria invenção; sem condicionamentos, sem regras da razão objetiva, o que prevalece é ser de forma integral, consciente do velamento possível quando há um desvelamento à vista (MACHADO, 2008, p. 270).

Constatamos no que concerne ao narrador pós-moderno que este se afasta da narrativa para dar maior autonomia à interpretação do leitor, bem como a utilização de alguns recursos na narrativa como: *Flashback*. As questões suscitadas no romance pelas personagens ocorrem num processo de busca interior na qual sua existência é posta em reflexão, através da busca espiritual pela compreensão de si no mundo. O conflito, a angústia cada vez mais latente que o homem vive com as modificações que o mundo vem sofrendo, ocasiona a esperança na humanidade em acreditar que existe vida após a morte. Admitindo este fato, procura enfim o sagrado como forma de explicar e aliviar o sofrimento ou conformar-se com ele. Todas essas tensões são significadas numa narrativa sem demarcação de data, procedimento que mostra o quanto aquelas dúvidas e a culpa questionável são anseios, sentimentos possíveis em todos os tempos e por assim dizer entendemos ser uma amostragem dos rumos da literatura atual.

De tal modo, a literatura configura fragilidade humana, bem como o pensamento filosófico sobre o sagrado e o profano que faz o leitor se situar na atualidade e, se indagar ainda, até que ponto a religião e a literatura influenciam o pensamento humano e a vida do homem? Como podemos compreender a vida e seus mistérios que nos angustiam e ao mesmo tempo nos encantam? O tempo, a vida, a morte como interagimos com os demais seres vivos e o que a literatura apresenta-nos em relação a



esses fatos, são os motivos condutores desta pesquisa em construção, cujos resultados parciais formatam o presente ensaio.

Referências

BARTH, Luiz Wilmar. **O homem pós-moderno, religião e ética**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos e história literária**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____. “Direito à literatura”. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul 2004.

CHAUÍ, Marilena. “Janela da alma, espelho do mundo”. In: Adauto Novaes (Org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. “A experiência do sagrado e a instituição da religião”. In: _____. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

DELACAPAGNE, Cristian. **História da filosofia no século XX**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Rio abaixo dos vaqueiros**. Cuiabá: Lei de incentivo à cultura, 2000.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

_____. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. “A tipologia de Norman Friedman”. In: _____. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1997.

MACHADO, Madalena e MAQUÊA, Vera. (Org.). **Dos labirintos e das águas: entre barros e dickes**. Cáceres: UNEMAT, 2009.



_____. “A condição humana nadificada.” In: SILVA, Agnaldo Rodrigues (Org.). **Diálogos literários**. São Paulo: Ateliê/UNEMAT Editora, 2008.

MAZZOCHINI, Lucas Antônio e HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **Pecado fragmentação do ser humano numa sociedade em mudanças**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 107-125, 2009.

MIGUEL, Gilvone Furtado. **O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

MOÍSES, Leyla Perrone. “A criação do texto literário”. In: _____. **Flores da escrivaniha: Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luís. “A renascença da filosofia racional.” In: _____. **História da filosofia. Com o estudo ‘O problema da história da filosofia’**. do prof. VELLOSO, Arthur Versiani. 12 ed. São Paulo: Melhoramento, 1978, ps. 400/519.

SANTIAGO, Silviano. “O narrador pós-moderno”. In: _____. **Nas malhas da letra: Ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

STORNILO, Ivo e BALANCIN, Euclides Martins. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Pastoral, 1990.

Data de aceite do texto: 03/06/2013. O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade da autora.

